

# O DIA DO SENHOR

OWEN D. OLBRICHT

*“Achei-me em espírito, no dia do Senhor, e ouvi, por detrás de mim, grande voz, como de trombeta” (Apocalipse 1:10).*

Israel tinha um dia para se lembrar da libertação da escravidão egípcia. E os cristãos? Eles têm um dia especial separado para se lembrarem da libertação da escravidão do pecado? Os cristãos devem se reunir no sábado, o dia de descanso de Israel, ou eles têm seu próprio dia especial para se lembrarem dAquele que os libertou através de Sua morte e ressurreição?

As provas a favor do dia em que os cristãos devem se reunir baseiam-se 1) no ensino do Novo Testamento, 2) no significado de “dia do Senhor” para a igreja primitiva e 3) nos registros históricos encontrados entre os escritos primitivos de cristãos e não cristãos. Se os cristãos do primeiro século reuniam-se no sétimo dia, era para um propósito diferente do que o das reuniões dos judeus no sábado.

Na época de Jesus, o povo judeu se reunia no sábado. Era um dia conveniente, pois não trabalhavam nesse dia. “O propósito principal da sinagoga não era a adoração pública, mas a instrução das Escrituras Sagradas.”<sup>1</sup>

## PASSAGENS DO NOVO TESTAMENTO

Os cristãos não se reuniam no sábado. Eles se reuniam no dia seguinte ao sábado, para recordarem a morte e ressurreição de Jesus.

A única referência a reunião de cristãos num dia especial encontra-se em Atos 20:7:

No primeiro dia da semana, estando nós

<sup>1</sup> J. D. Douglas, ed., *The New International Dictionary of the Bible* (“Novo Dicionário Internacional da Bíblia”), ed. ger. ed. Merrill C. Tenney. Grand Rapids, Mich.: Regency Reference Library, Zondervan Publishing House, 1987, s.v. “sinagoga”, por Walter W. Wessel.

reunidos com o fim de partir o pão, Paulo, que devia seguir viagem no dia imediato, exortava-os e prolongou o discurso até à meia-noite (Atos 20:7).

Embora Paulo estivesse com pressa de chegar a Jerusalém em tempo para a festa do Pentecostes (Atos 20:16), ele esperou uma semana inteira em Trôade (Atos 20:6) para reunir-se com os cristãos no seu dia de reunião, o primeiro dia da semana. Quando se reuniram para partir o pão, ele aproveitou a ocasião para pregar. F. F. Bruce escreveu:

A afirmação de que em Trôade os viajantes e seus companheiros cristãos que moravam naquele porto reuniram-se para o partir do pão “no primeiro dia da semana” é a prova não ambígua mais remota que temos a favor da prática cristã da reunião para adoração nesse dia<sup>2</sup>.

Simon J. Kistemaker concordou:

“No primeiro dia da semana” (i.e., domingo; esta é a primeira referência do Novo Testamento à adoração dominical), os cristãos se reuniam para a celebração da ceia do Senhor, que era seguida de uma grande refeição, a “festa do amor”. Em Atos, a expressão partir o pão significa celebrar a comunhão...<sup>3</sup>

Willy Rordorf escrever: “Com certeza, com o partir do pão em Atos 20:7a tudo o que se queria dizer é ‘a ceia do Senhor’”<sup>4</sup>.

J. W. McGarvey escreveu corretamente:

Essa passagem mostra que o primeiro dia da

<sup>2</sup> F. F. Bruce, *Commentary on the Book of the Acts* (“Comentário do Livro dos Atos”), *The New International Commentary on the New Testament*, ed. ger. F. F. Bruce. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986, pp. 407-8.

<sup>3</sup> Simon J. Kistemaker, *New Testament Commentary: Exposition of the Acts of the Apostles* (“Comentário do Novo Testamento: Exposição dos Atos dos Apóstolos”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1990, p. 716.

<sup>4</sup> Willy Rordorf, *Sunday* (“Domingo”), trad. A. A. K. Graham. Filadélfia: Westminster Press, 1968, p. 221.

semana era o dia em que os discípulos partiam o pão; e também que o propósito primordial da reunião nesse dia era observar essa ordenança. A pregação de Paulo na ocasião foi incidental. Na instituição original da ceia do Senhor, nada foi dito quanto à frequência com que ela deveria ser observada. As palavras do Senhor são: "Fazei isto, todas as vezes que o beberdes em memória de mim" [1 Coríntios 11:25]. Não havendo nenhuma outra instrução, cada congregação de crentes teria ficado livre para julgar por si só qual seria a frequência da observância. Mas os apóstolos foram guiados pelo Espírito Santo nisso, assim como em outras questões deixadas sem definição pelo ensino pessoal do Senhor, e o exemplo deles é o nosso guia. Pouco se diz sobre o assunto, mas esse pouco é decisivo a favor de uma observância semanal da ordenança<sup>5</sup>.

Atos 20:7 mostra claramente que os cristãos se reuniam no domingo para observarem o partir do pão, uma alusão à ceia do Senhor. Reuniam-se em outras ocasiões para adorar, mas o domingo era um dia especial, o dia do Senhor.

Outra passagem deixa implícito que os cristãos se reuniam no domingo: "Quanto à coleta para os santos, fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for" (1 Coríntios 16:1, 2).

Pode-se chegar a quatro conclusões a partir dessa afirmação:

1) A prática que Paulo estava ordenando não era somente para a igreja em Corinto, mas também para as demais igrejas.

2) A coleta para os necessitados deveria ser feita no primeiro dia de cada semana para que Paulo não tivesse de passar pelas casas recolhendo os valores, quando ali chegasse.

3) Domingo foi escolhido porque era o dia em que os cristãos iam a um local comum. Estando reunidos, podiam contribuir conforme haviam prosperado.

4) O primeiro dia da semana devia ter um significado especial como um dia para se reunir; de outra forma, outro dia teria sido escolhido.

## O DIA DO SENHOR

O uso que João faz de "dia do Senhor" em

<sup>5</sup> J. W. McGarvey, *New Commentary on Acts of Apostles* ("Novo Comentário de Atos de Apóstolos"), vol. 2. Lexington, Ky.: 1892, s.p.; reimpressão, Delight, Ark.: Gospel Light, s.d., p. 179.

Apocalipse 1:10 implica que a igreja primitiva tinha um dia especial para reverenciar a Jesus. A expressão "dia do Senhor" (gr.: *te kuriake* [ou *kyriake*] *hemera*) não é a mesma que "o dia do Senhor" (gr.: *hemera tou kuriou*), que é usada com referência a qualquer dia em que Deus derramar a Sua ira para executar Sua vingança e levar a destruição (2 Pedro 3:10).

Em vez de um substantivo de posse, *kuriake* é uma locução adjetiva usada no sentido de um dia em homenagem ao Senhor. É o mesmo uso que fazemos dos substantivos nas expressões "Dia da Bandeira" e "Dia da Independência"; os substantivos usados como locuções adjetivas mostram que tais dias são destacados para se comemorar a bandeira ou a independência.

O "dia do Senhor" (que não indica posse, mas locução adjetiva), ou "dia do imperador" (conforme traduzido na versão Interlinear)<sup>6</sup>, é o dia especial que foi instituído para reverenciar ao Senhor e em memória dEle. Não é um dia como o sábado dos judeus, um dia instituído para descanso e lembrança da libertação da escravidão egípcia.

A locução adjetiva "do Senhor", *kuriake*, encontra-se somente mais uma vez no Novo Testamento e refere-se à ceia em reverência ao Senhor e em memória dEle (1 Coríntios 11:20–26). Essa ceia era observada no dia especial que foi instituído em reverência a Ele.

A expressão *te kuriake hemera* é usada fora do Novo Testamento somente com referência ao domingo, o primeiro dia da semana. Isso aumenta o peso do fato de que João, em Apocalipse 1:10, achava-se em espírito, no domingo, o primeiro dia da semana. Esse foi o dia da semana em que Jesus ressuscitou (Mateus 28:1; Marcos 16:1, 2; Lucas 24:1) e o dia em que os cristãos se reuniam.

## A LITERATURA CRISTÃ PRIMITIVA

A maioria dos eruditos concluem que "o dia do Senhor" é uma referência ao domingo. Essa conclusão é estabelecida pelo uso freqüente da expressão na literatura do segundo século referindo-se ao domingo<sup>7</sup>. Por exemplo, *O Evangelho de*

<sup>6</sup> *The Interlinear NASB-NIV Parallel New Testament in Greek and English*, trad. interlinear Alfred Marshall. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1993, p. 702.

<sup>7</sup> H. Waterman, "the Lord's Day" ("o dia do Senhor"), em *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, vol. 3, ed. ger. Merrill C. Tenney. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1975, p. 965.

*Pedro*, escrito por volta de 180 d.C., contém esta afirmação: “Cedo de manhã no dia do Senhor, Maria Madalena, uma discípula do Senhor... foi ao sepulcro”<sup>8</sup>. Clemente de Alexandria escreveu, por volta de 190 d.C.: “Ele lança o mandamento de acordo com o Evangelho e guarda o dia do Senhor... glorificando a ressurreição do Senhor em si mesmo”<sup>9</sup>.

Domingo era um dia especial, como vemos também nos aparecimentos de Jesus após Sua ressurreição.

Seis dos oito aparecimentos de Cristo, após Sua ressurreição, registrados nos evangelhos, ocorreram no domingo: 1) a Maria Madalena (João 20:11–18); 2) às mulheres que foram ungir o Seu corpo (Mateus 28:7–10); 3) aos dois discípulos no caminho de Emaús (Lucas 24:13–33); 4) a Simão Pedro (24:34); 5) aos dez discípulos quando Tomé estava ausente (João 20:19–23; cf. Lucas 24:36–49) e 6) aos onze discípulos quando Tomé estava presente (João 20:24–29)<sup>10</sup>.

Outros acontecimentos importantes ocorreram no domingo. Jesus ressuscitou no domingo seguinte à festa da Páscoa (Mateus 28:1). A festa de Pentecostes começou cinqüenta dias depois (Levítico 23:15, 16), o que significa que a igreja foi estabelecida e o Espírito foi derramado no domingo, o dia de Pentecostes (Atos 2:1–4).

O peso das evidências indica que o “dia do Senhor” era um dia especial para os cristãos se encontrarem para reverenciar a Jesus e em memória dEle. Esse termo foi usado pelos escritores primitivos referindo-se ao domingo, o primeiro dia da semana.

## EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS

Os que escreveram imediatamente após a época dos apóstolos confirmaram o fato de que a igreja primitiva adorava no domingo, o primeiro dia da semana, sendo este um dia especial para se reunirem. Entre estes estão escritores do segundo século (101–200 d.C.):

1) Inácio refere-se aos que “obtiveram uma nova esperança, já não guardando o sábado [lit. “sabbathing”], mas vivendo de acordo com o dia do Senhor [gr. *kyriake*, sem a palavra para

“dia”], no qual nossa vida renasceu por meio dele e de sua morte” (Magn. 9:1). *Kyriake* aqui parece ser uma forma abreviada da expressão usada em Apocalipse 1:10, e este fato, juntamente com o contexto, leva ao uso da palavra “dia” ao se traduzir a passagem. Inácio menciona especificamente adoração neste contexto. 2) Did. 14:1 usa a expressão estranha *kyriake kyriou*, “o Dia do Senhor que pertence ao Senhor” para a ocasião da adoração cristã, mas não contrasta essa ocasião com o sábado. 3) Semelhantemente, Plínio, em sua famosa carta a Trajano (*Ep.* x.96) diz que os cristãos se reuniam num dia fixo para cantarem um hino (ou recitar um tipo de poema), mas ele não especifica o dia. 4) Barn. 15:9 salienta a importância do primeiro dia (chamado de oitavo dia da antiga criação), mas não usa o termo *kyriake*. Somente quando reunidas, essas passagens deixam implícito que os cristãos primitivos se reuniam para adoração no primeiro dia da semana, o dia da Ressurreição.<sup>11</sup>

Inácio, talvez um discípulo do apóstolo João, foi o autor de *Magnesianos*. Plínio não era cristão, mas como governador romano de Ponto e Bitínia sob o império de Trajano, estava ciente da atividade cristã. No início do segundo século, ele escreveu uma carta a Trajano referente aos cristãos. Esse documento é a fonte da citação anteriormente aludida: “Tinham o hábito de se reunirem num certo dia fixo antes de clarear”<sup>12</sup>.

*O Didaquê*, escrito por volta da mesma época, afirmava: “Reúnam-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer, depois de ter confessado os pecados, para que o sacrifício de vocês seja puro”<sup>13</sup>.

O pseudoepígrafo *Epístola de Barnabé* também foi escrito no início do segundo século. Nele há a afirmação: “Por conseqüência, também nós guardamos o oitavo dia para nos regozijarmos, dia no qual Jesus também ressuscitou dos mortos...”<sup>14</sup> O cristão Justino Mártir explicou por que o nome oitavo dia: “Pois o primeiro dia da semana, embora seja o primeiro de todos, e seja parte da série de dias num ciclo é chamado de oitavo (ainda que continue sendo o primeiro)”<sup>15</sup>.

<sup>11</sup> Geoffrey W. Bromiley, “Lord’s Day” (“O Dia do Senhor”), em *The International Standard Bible Encyclopedia* (“Enciclopédia Bíblica Internacional Standard”), ed. ger. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986, 3:159.

<sup>12</sup> Plínio, *Cartas* X.xcvi, citado em Ferguson, p. 81.

<sup>13</sup> *Didaquê* 14:1. São Paulo: Ed. Paulinas, s.d, 3ª. ed., p. 27.

<sup>14</sup> *Epístola de Barnabé* 15, em Lightfoot, p. 152.

<sup>15</sup> Justino Mártir. *Diálogo com Trifo* 41:4, citado em Ferguson, p. 68.

<sup>8</sup> *Evangelho de Pedro* 12:50, citado em Everett Ferguson, *Early Christians Speak* (“Os Cristãos Primitivos Falam”). Abilene, Tex.: Biblical Research Press, 1971, p. 68.

<sup>9</sup> Clemente de Alexandria *Miscellanies* (“Miscelâneas”), VII.xii.76.4, citado em Ferguson, p. 68.

<sup>10</sup> Waterman, p. 964.

Por volta da metade do segundo século, Justino escreveu o seguinte a respeito das assembleias cristãs:

Eno dia chamado domingo há uma reunião no mesmo lugar de todos que moram na cidade ou na zona rural. As memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos, desde que o tempo permita.<sup>16</sup>

Mas domingo é o dia em que temos nossa assembleia comum, porque é o primeiro dia em que Deus, tendo forjado uma transformação nas trevas e na matéria, fez o mundo; e Jesus Cristo, nosso Salvador, no mesmo dia ressuscitou dos mortos.<sup>17</sup>

Ele também escreveu que nesse dia eles davam “o quanto aprouvesse a cada um”<sup>18</sup>, uma indicação não só de que os cristãos não adoravam no sábado mas também de que não davam o dízimo como ordenado no Antigo Testamento.

A afirmação de Justino dizendo “desde que o tempo permita” sugere que os cristãos estavam limitados porque eles se reuniam de madrugada, para poder ir trabalhar depois da reunião. Se adorassem no sábado judaico, não teriam de trabalhar mas teriam o dia inteiro livre para adorar, sem restrição de tempo.

Em *Diálogo com Trifo*, Justino escreveu: “Não há nada mais pelo que vocês nos culpem, caros amigos, além disso, há? Que não vivemos de acordo com a Lei, nem somos circuncidados na carne como seus antepassados, nem observamos o sábado como vocês”<sup>19</sup>.

Dionísio, bispo de Corinto, numa carta à igreja de Roma, em 170 d.C., escreveu: “Hoje estamos no dia santo do Senhor, no qual lemos vossa epístola”<sup>20</sup>.

Irineu, bispo de Lion, por volta de 178 d.C., escreveu ao bispo de Roma, preservando o dever de “celebrar o mistério da ressurreição de nosso Senhor, somente no dia do Senhor”<sup>21</sup>. Um autor concluiu:

Esses testemunhos mostram que por todo o [segundo século] o domingo foi observado como um dia de adoração cristã em comemoração da Ressurreição de Cristo. Não há indícios

de que o domingo tenha sido observado durante esse período como um dia de descanso ou que sua observância estivesse de alguma maneira relacionada com a observância do sábado judaico<sup>22</sup>.

Uma forte evidência do terceiro século (201–300 d.C.) mostra que os cristãos se reuniam no domingo, o primeiro dia da semana.

Tertuliano, escrevendo por volta de 201 d.C., afirmou: “Outros... supõem que o sol é o deus dos cristãos, porque é fato bem conhecido que... fazemos do domingo um dia festivo”<sup>23</sup>. Ele também afirmou: “Para nós, sábados são [coisas de] estrangeiros”<sup>24</sup>.

Por volta de 200 d.C., Bardesanes escreveu: “Num certo dia, o primeiro da semana, reunimo-nos...”<sup>25</sup>

*O Ensino dos Apóstolos*, escrito no final do terceiro século, registra esta instrução:

Os apóstolos também salientaram: No primeiro dia da semana que se realize o culto, e a leitura das Escrituras Sagradas, e a oblação [o partir da comunhão]: porque no primeiro dia da semana nosso Senhor ressurgiu dos mortos, e no primeiro dia da semana Ele ascendeu aos céus, e no primeiro dia da semana Ele aparecerá finalmente com os anjos do céu<sup>26</sup>.

Cipriano, bispo de Cartago, escreveu o seguinte numa epístola sinódica do terceiro concílio de Cartago, em 253 d.C.:

Porque era no oitavo dia... que o Senhor ressuscitou... e deu-nos a circuncisão de espírito, o oitavo dia... o dia do Senhor<sup>27</sup>.

Esses testemunhos incidentais mostram que os cristãos desde o começo usaram o domingo como o dia de adoração. Todas as referências citadas foram escritas antes de Constantino tornar-se imperador do império romano, em 306–37 d.C. Aqueles que dizem que ele mudou a adoração cristã do sábado para o domingo o fazem deturpando as evidências contrárias. Ele não mudou o dia em que os cristãos adoravam, do sábado para o domingo; em vez disso, em 321 d.C., ele decretou que o dia em que os cristãos já

<sup>22</sup> Waterman, p. 966.

<sup>23</sup> Tertuliano, *As Nações* 1:13.

<sup>24</sup> Tertuliano, *Sobre Idolatria* 14:6, citado em Ferguson, p. 68.

<sup>25</sup> Bardesanes, *Sobre Destino*, citado em Ferguson, p. 69.

<sup>26</sup> *O Ensino dos Apóstolos*, Os Pais Anti-Nicenos, vol. 8, p. 668.

<sup>27</sup> Cipriano, *Epístola* 64.4, citado em Waterman, p. 967.

<sup>16</sup> Justino Mártir, *Apologia I* 67.3.

<sup>17</sup> Justino Mártir, *Apologia I* 67.7.

<sup>18</sup> Justino Mártir, *Apologia I* 67.6.

<sup>19</sup> Justino Mártir, *Diálogo com Trifo* 10:1, citado em Ferguson, p. 68.

<sup>20</sup> Citado em Eusébio, *História Eclesiástica* 4:23.

<sup>21</sup> Irineu, citado em Eusébio 5:24.

estavam adorando deveria tornar-se um feriado público regular para adoração em todo o império, por todos os grupos religiosos.

Depois de citar declarações feitas por escritores da igreja primitiva, Everett Ferguson comentou: “As provas que confirmam o dia de adoração dos cristãos são claras e inequívocas. Eles não observavam o sétimo dia, o sábado, como os judeus, mas reuniam-se no primeiro dia da semana, o dia da ressurreição de Cristo”<sup>28</sup>.

### CONCLUSÃO

Todas as informações históricas disponíveis mostram que desde o começo os cristãos se reuniam no domingo, o primeiro dia da semana, para reverenciar a Jesus e em memória dEle, partindo o pão e bebendo o suco da videira. Não faziam isso no sábado. Os cristãos judeus (não gentios) que moravam em Israel e alguns que

<sup>28</sup> Ferguson, p. 70.

estavam dispersos no exterior continuaram descansando no sábado; porém, os que assim faziam também observavam a ceia do Senhor no domingo.

Willy Rordorf concluiu corretamente:

...na Igreja antiga era inconcebível se passar um domingo sem a reunião da igreja local para uma celebração da ceia do Senhor. O domingo não era absolutamente nada sem a ceia do Senhor; a ceia do Senhor constituía o ponto central da adoração, em torno do qual todas as outras partes do culto encontravam seus lugares. Em outras ocasiões havia também reuniões para orar e para se fazer uma refeição comum, mas somente no domingo acontecia a ceia do Senhor<sup>29</sup>.

Para os cristãos, o domingo é um dia especial — não para descansar, mas para adorar. Os cristãos se reúnem nesse dia, especialmente, para comer a ceia do Senhor em memória de Jesus até que Ele venha novamente (1 Coríntios 11:26). ■

<sup>29</sup> Rordorf, p. 305.

### A ALIANÇA DOS CRISTÃOS COM DEUS

Um dos maiores contrastes entre a velha e a nova aliança é o lugar do coração no plano de Deus. Disse Deus: “Na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Hebreus 8:10b). Deus, em seu novo acordo, inspira em cada cristão um novo tipo de fidelidade. A igreja é o povo de Deus com um “novo coração”.

Uma pessoa entrava na velha aliança através do nascimento físico. Tal indivíduo era um israelita *por descendência*, não *por uma decisão espiritual*. Conseqüentemente, cada criança judia tinha de ser ensinada a respeito do relacionamento com Deus. Quando a criança judia entrava numa aliança especial com Deus no nascimento, ela não sabia nem entendia isso até que fosse devidamente ensinada por seus pais. Não eram apenas as crianças que eram ensinadas a respeito de quem eram, mas um programa contínuo de ensino era mantido para todos os israelitas, para lembrá-los de sua identidade e de suas obrigações para com Deus, o qual fizera deles Sua nação escolhida.

Entra-se na nova aliança, porém, por um nascimento espiritual que envolve a aceitação da vontade de Deus, atendendo-a com uma fé obediente a Ele. O novo nascimento não pode ocorrer sem um conhecimento de Deus e uma decisão consciente de entrar no Seu reino espiritual (João 6:44, 45). Todos no reino de Deus ouviram a mensagem da salvação (Romanos 10:17), receberam e aceitaram a mensagem (Atos 2:41) e optaram por agir conforme essa mensagem com fé e obediência (Atos 2:40).

As leis de Deus estão escritas nos corações dos cristãos. Somos motivados a fazer Sua vontade pelo grandioso poder da fé e do amor (1 João 5:3). Sua mensagem inicialmente gerou confiança e obediência em nossos corações; numa resposta de fé nessa mensagem, tornamo-nos Seus filhos. Mantemos nossos novos corações nos alimentando continuamente de Sua Palavra, meditando no Seu amor e na Sua graça, conservando nossos corações abertos à Sua vontade, e andando diariamente com Ele.

Adaptado de “*The Church*”: *The People of God’s Purpose* (“A Igreja”: O Povo do Propósito de Deus”), Eddie Cloer